

Ignácio A. Paim Filho*

A estranha dimensão do espiritual e do sagrado na prática analítica

Os analistas são, no fundo, incorrigíveis mecanicistas e materialistas, ainda que procurem evitar despojar a mente e o espírito de suas características ainda irreconhecíveis. Da mesma forma, dedicam-se à investigação dos fenômenos ocultos apenas porque esperam, com isso, excluir finalmente da realidade material os desejos da humanidade.

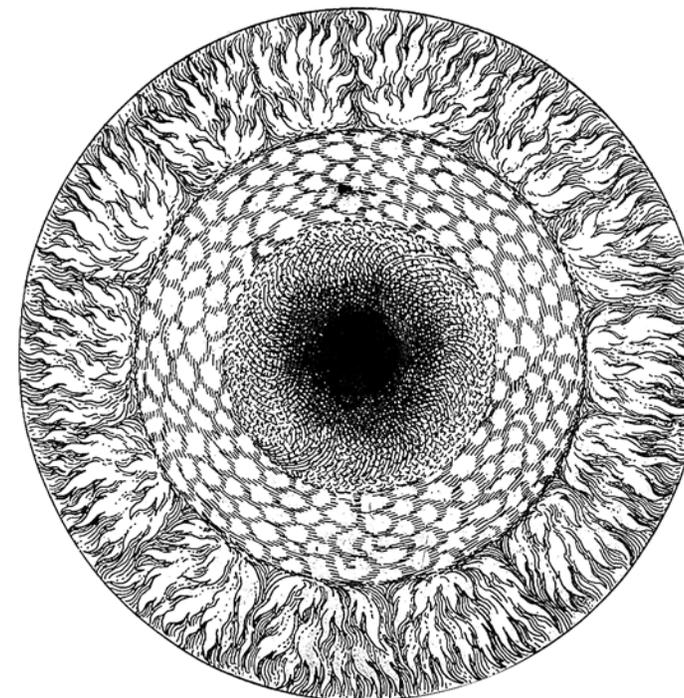
Sigmund Freud

Foi em meio a múltiplas sensações, desconcertantes, que recebi e aceitei o convite para tecer algumas ideias sobre a temática do místico/sagrado/espiritual na clínica psicanalítica. Estas sensações produziram inquietações sinistras, evocando o trabalho de Freud de 1919, que nos convoca a olhar para os enigmas das origens e suas vicissitudes: o caldeirão pulsional, em sua errância entre o apreensível e o inapreensível (Freud, 1919/2010).

Adotando esse trabalho como sinalizador – procurando *evitar despojar a mente e*

o espírito de suas características ainda irreconhecíveis – busco refletir sobre essa estranha proposição. Este é um contexto instigador para saber algo desse *desconhecido desejo da humanidade*: a busca pela permanência, em meio à impermanência, a necessidade da criação da *alma imortal*, com sua abertura para o espiritual e o sagrado. Tal criação põe em cena o pensar animista e lança as bases para o pensar religioso, condizente com a crença do inconsciente na imortalidade.

Início pela questão do desejo, em especial, a premência do desejo narcísico e sua relação com a ideia da morte – *fenômenos ocultos*. Seguindo essa trilha, sou tocado pela narrativa de 1927 (Freud, 1927/1969c). Nessa, a problemática do desamparo se faz proeminente e acorda a necessidade do humano de criar refúgios, amparados em seu romance familiar, para lidar com o que não se representa, mas se apresenta



no intrigante acontecimento que a transitoriedade do outro desvela e vela: a inexorável finitude; Deus/Pai com seus misticismos ganha corpo. Nesse cenário, a interrogação se impõe: o que a dimensão espiritual com seus sagrados mandamentos tem a ver com isso e com o *Isso* e, por conseguinte, com nossa prática clínica?

Mantendo esse interrogante como guia, evoco o enunciado de Freud de 1938: “Misticismo: obscura autopercepção do reino exterior ao Eu, do *Isso*” (Freud, 1938/2014b, p. 206). Achados de seu espólio, rabiscos a serem explorados. Este projeto foi rascunhado em Londres, tempo de guerra, tempo do exílio, tempo de morte – tempo de deixar trabalhar os mistérios da vida – quem sabe em busca de resultados em um tempo futuro.

Começemos pela concepção de misticismo. Definido livremente pode ser entendido como uma experiência subjetiva, que alude ao contato espiritual com uma entidade divina. Atrevo-

me a explorar que o misticismo está relacionado ao encontro com um pulsional *desagarrado*, que anuncia ao humano, através da angústia, o terror do desamparo. Assim, ele tem a potencialidade de colocar em marcha a necessidade de instrumentalizar o pensamento religioso, ou ainda, o metafísico – invenção de um objeto pleno, sucedâneo do complexo paterno.

Logo, o misticismo é decorrente da *obscura autopercepção do Isso*, que – pela transformação no contrário – adquire atributos para construir uma narrativa mítica, entre sensações, imagens e palavras, visando a dar alguma contenção ao vazio das origens: do terror ao sublime. Isso – *reino exterior ao Eu* – totalmente inconsciente, está intimamente vinculado com a fonte e a força inebriante da pulsão de morte e, ao mesmo tempo, por meio do Eu, ao objeto absoluto da falta: somos seres castrados, portanto, fadados à incompletude, finito no infinito de nossos desejos de imor-

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

talidade. Temos, nesses termos, as condições propícias para a busca do estado transcendental – ligação entre a criação e o criador – com suas garantias de amparo pleno.

Retornemos a nossa indagação sobre o místico com seus eternos mistérios em sua dimensão espiritual e sagrada. Antes, porém, um parêntese: o que podemos pensar sobre o elemento sagrado? Temos aqui um complicador. O sagrado implica algo inviolável, que não pode ser profanado, merece veneração e inspira temor: solo sagrado é solo santo, território da fé incondicional. Contudo, o pensar psicanalítico freudiano, com seu jeito inconfiante de ser (Paim Filho, 2019), contrapõe-se ao sagrado. Profanar dogmas, criando interrogações em “solo santo”, é da essência do pensar científico – o compromisso de dessacralizar o que está posto por verdades estabelecidas *a priori*, em prol das modificações que *a posteriori* instiga.

Tal fato é assinalado por Freud (1918/1998) na indagação ao pastor Pfister: “por que nenhum de todos estes devotos criou a psicanálise, por que foi necessário esperar um judeu completamente ateu?” (p. 86). Mais uma questão: ser ateu é condição para o exercício de nosso ofício? Perguntas de difícil resposta; ambas remetem ao misticismo do analista, antes do que ao misticismo do analisando.

Assim sendo, por esse caminho traço especulações. Sem temer cair em tentação, referendo o pensar freudiano pelas trilhas que faz do ateu aquele que sustenta o *não* à crença na ilusão de um poder etéreo; pré-condição para o exercício da abstinência – limitar o poder do fascínio, da servidão e da devoção (Freud, 1921/1969f). Esse é um percurso necessário para trabalhar a heteronomia na busca da autonomia, aos moldes da lúcida recomendação: “Por mais que o analista possa ficar tentado a [...] criar homens a sua imagem [...], essa não é sua tarefa [...]. Será desleal a essa se permitir-se ser levado por suas inclinações” (Freud, 1940/2014a, p. 202).

Com esse palco resenhado, vejamos como dar um destino a nossa questão-guia, man-

tendo nosso olhar sobre esse estrangeiro: o analista. Se o místico nos constitui, inevitavelmente, se fará presente na sala de análise: dos sonhos, paradigma do retorno do recalçado, às ominosas sensações que remetem ao além do recalçado, a magia.

Diante dessa constatação, temos que sua presença é, antes de tudo, uma forma de comunicação do mais primitivo que nos habita: *a sabedoria do misticismo* (Freud, 1930/1969d). Esse primitivo necessita ganhar palavras, para ser pensado e tornado, quem sabe, menos obscuro para o Eu.

Sabermos um pouco mais do nosso desamparo, através do pensar religioso, pode ser um veículo propiciador de mudança psíquica. Assim, se o misticismo de cada um de nós puder romper com as amarras do sagrado que sempre carregam consigo um *quantum* da proibição categórica ao livre pensar, estarão dadas as condições para o acontecer do trabalho do luto. Eis aqui uma das essências do fazer analítico: elaborar lutos, um processo que implica renúncias em um jogo fecundo entre aceitar e não aceitar a realidade da castração; esta que denuncia o imponderável da incompletude: somos seres faltantes, fadados a cumprir o ciclo da vida que transcorre entre o nascer e o morrer. O místico clama por ser trabalhado *no* analista e *pelo* analista, concepção coerente com o incisivo: “a beleza da religião certamente não pertence à psicanálise” (Freud, 1918/1998, p. 86).

Temos diante de nós um contexto a ser explorado para insurgir estranhamentos – uma estética do espanto – diante das possíveis certezas fixas e imutáveis que o *infantilismo da sexualidade* possibilita. Este que busca proteção na invenção de uma *Weltanschauung religiosa*. Esta compreendida como ideologia, o sagrado, que retira do místico a disposição de gerar mitos, com potencial de jogar entre a sombra e a luz, acomodando e desacomodando o nosso saber.

Finalmente, sublinho a importância de mantermos viva a assertiva de 1900: “é frequen-

te haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade [...]. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido” (Freud, 1900/1969a, p. 482). Umbigo, cicatriz que perpetua o corte que denuncia o soberano desamparo e, ao mesmo tempo, a marca fundante da presença do outro em mim: o interminável do psiquismo diante do terminável da vida, a impenetrável fronteira da morte.

Referências

- Freud, S. (1969a). A interpretação dos sonhos. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 5, pp. 323-611). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1969b). A questão de uma Weltanschauung. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 22, pp. 193-220). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (1969c). Futuro de uma ilusão. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 15-71). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1969d). O mal-estar na civilização. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 21, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (1969e). Psicanálise e telepatia. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 217-234). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1969f). Psicologia de grupo e a análise do ego. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 18, pp. 91-179). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1998). Carta 09/10/1918. Em K. H. K. Wondracek e D. Junge (trad.), *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Viçosa: Ultimato. (Trabalho original publicado em 1918).
- Freud, S. (2010). O inquietante. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 329-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2014a). Compêndio de psicanálise. Em P. H. Tavares (trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1940).
- Freud, S. (2014b). Resultados, ideias e problemas. Em P. H. Tavares (trad.), *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1938).
- Paim Filho, I. A. (2019). *Inconfidências metapsicológicas: Das Unheimliche*. Porto Alegre: Sulina.